

Reflexões teológicas acerca do conceito de «demónio»

*A presença deste ser
poderoso,
espelho do vício,
rosto da lascívia,
reflexo de toda
a negação humana,
existe desde sempre,
e nas mais diversas
culturas,
assumindo as mais
variadas aparências,
nomes e atitudes,
porém, a ameaça
de um Demónio enquanto
Inimigo Supremo
de toda a Humanidade,
não é de forma alguma
comum a todas as crenças
e religiões.*

Manuel Jorge Gomes

*Investigador das Ciências
da Cultura e Educação
na área da Pedagogia (UBI)*

O mistério constitui e sempre constituiu um desafio para o Homem. Seguindo a sua necessidade de compreender e catalogar os fenómenos naturais, o ser humano foi construindo, ao longo dos séculos, uma riquíssima herança de lendas e fábulas, mitos e superstição... A curiosidade no que respeita às fronteiras do mundo visível deu origem a uma série de seres maravilhosos, que ora habitam o limiar das Trevas ou do Paraíso, ora persistem em confrontar-nos na nossa própria realidade. Em todas as eras, em todos os lugares, se transmitiram de geração em geração, histórias de animais deslumbrantes, deuses poderosos, demónios e fantasmas inimigos da espécie humana...

De toda essa galeria imensa do imaterial e do imponderável, talvez nada tenha, ao longo da História, exercido sobre o Homem tanto fascínio e horror como a figura do Demónio. A presença deste ser poderoso, espelho do vício, rosto da lascívia, reflexo de toda a negação humana, existe desde sempre, e nas mais diversas culturas, assumindo as mais variadas aparências, nomes e atitudes.

Do ponto de vista da teologia, a crença universal em demónios justifica-se pela necessidade humana de encontrar uma explicação para a existência do Mal. A reflexão que se segue tem como ponto de partida o universo teológico. De que forma concebem as religiões as relações entre deuses e demónios, e como as materializam nos conceitos *Salvação* e *Condenação*...?

Para os cristãos, a vida e as acções de Cristo acontecem no âmbito de um duelo Bem/Mal, no qual está em causa a salvação do Homem. Os próprios Evangelhos são claros ao afirmar que um dos objectivos da vinda de Cristo ao mundo seria o de libertar a Humanidade das astúcias do Demónio:

Por isso, como os filhos participam do sangue e da carne, também Ele participou das mesmas coisas, a fim de destruir, pela Sua morte, aquele que tinha o império da morte, isto é, o Demónio... (*Heb 2,14*).

O próprio texto bíblico concebe a vida de Cristo como uma cruzada contra os poderes do Demónio. O primeiro grande confronto dá-se durante o período em que Jesus jejuava no deserto:

Então o Espírito conduziu Jesus ao deserto a fim de ser tentado pelo Demónio. Jejuou durante quarenta dias e quarenta noites, e, por fim, teve fome. O tentador aproximou-se e disse-Lhe: «Se Tu és o Filho de Deus, ordena que estas pedras se convertam em pão». Respondeu-lhe Jesus: «Está escrito: Nem só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus». Conduziu-O, então, o Demónio à cidade santa, e, colocando-O sobre o pináculo do Templo, disse-Lhe: «Se Tu és o Filho de Deus, lança-Te daqui abaixo, pois está escrito: Dará a Teu respeito ordens aos anjos; eles suster-Te-ão nas suas mãos para que os Teus pés não se firam nalguma pedra». Disse-lhe Jesus: «Também está escrito: Não tentarás ao Senhor teu Deus!» Em seguida, o Demónio conduziu-O a um monte muito alto, e, mostrando-Lhe todos os reinos do mundo com a sua glória, disse-Lhe: «Tudo isto Te darei, se, prostrado, me adores». Respondeu-lhe então Jesus: «Vai-te, Satanás, pois está escrito: Ao senhor, teu Deus adorarás e só a Ele prestarás culto». Então o Diabo deixou-O e chegaram os anjos e serviram-n' O (*Mt 4,1-11*).

Ora, este relato visa precisamente ilustrar a ideia de que, com Cristo, o reino de Deus terá chegado, e o domínio de Satanás terminado de vez — ao negar a tentação, Cristo vence Satanás, dando o primeiro passo importante para libertar a Humanidade do seu poder. Considero existir uma passagem no Apocalipse que não só reforça este juízo, como lhe poderia também servir de epílogo:

O grande Dragão foi precipitado, a antiga Serpente, o Diabo, ou Satanás, como lhe chamam, o sedutor do mundo inteiro, foi precipitado na terra, juntamente com os seus anjos. E ouvi uma voz clamar no Céu: «Agora chegou a salvação, o poder e o Reino do nosso Deus e o poder do Seu Cristo, porque o acusador dos nossos irmãos, que os acusava de dia e de noite diante de Deus, foi derrubado (*Ap 12,9-10*).

Deste modo, Satanás é então precipitado no Abismo. O Império do qual outrora ousara apoderar-se pertence agora a Cristo Glorificado.

Porém, se pretendermos investigar e estudar objectivamente a presença do Demónio no texto bíblico, deveremos começar por uma abordagem directa aos textos do Antigo Testamento, que apresentam já referências mais ou menos concretas a entidades demoníacas e às suas acções sobre o ser humano:

Tobias, então, respondeu a Rafael: «Irmão Azarias, ouvi dizer que essa donzela já foi dada a sete maridos, os quais todos morreram na mesma noite em que se uniram a ela. Também ouvi dizer a alguns que um demónio os matou (*Tb 6,14*).

Nesta altura, os Evangelhos reconhecem a existência de demónios menores, mas não revelam ainda uma ideia consistente relativamente á figura do Diabo, tal como hoje a concebemos¹.

Só nos textos do Novo Testamento, o conceito Satanás/Mal evoluiu claramente para o sentido com que chegou até aos nossos dias. Aqui, deparamo-nos com uma série de dados objectivos, e que chamam imediatamente a atenção.

As descrições dos confrontos entre Jesus Cristo e as legiões de demónios comandadas por Satanás dominam grande parte dos textos do Novo Testamento. O Demónio é agora encarado de forma muito mais evidente como o *Pai* de todos os espíritos impuros que atormentam os homens e fazem por conduzi-los ao pecado, através da soberba e da luxúria. Para os teólogos, e dado o imenso carácter metafórico do texto bíblico, as pretensas lutas entre Cristo e o Demónio relatadas nos Evangelhos exprimem aforismos bem mais profundos do que os sentidos que, numa primeira leitura, lhes possamos atribuir.

Assim, o termo *Demónio*, tantas vezes utilizado no Novo Testamento, não visa, em muitos dos casos, remeter somente para a figura do Anjo Caído. A cruzada de Cristo contra o Demónio adopta, por diversas vezes, o carácter de confronto Bem/Mal, não no plano espiritual, mas sim ao nível da consciência.

Assumindo os factos desta forma, a acção de Cristo é então situada no âmbito da corrupção e depravação humanas — trata-se, portanto, de um combate contra todas as idolatrias, contra a magia e a superstição, e, acima de tudo contra a mentira e a falsa sabedoria.

Mas, se, em muitos casos, o conceito *Demónio* é utilizado numa terminologia meramente alegórica, outros há em que o Novo Testamento parece sugerir a presença real de criaturas demoníacas que se movimentam entre os homens e os contaminam com o seu poder. Vejamos, por exemplo, o célebre episódio do possesso de Gadara:

Chegaram ao outro lado do mar, à região dos Gadarenos. Logo que Jesus desembarcou, veio ao Seu encontro, saído dos túmulos, um homem possesso de um espírito impuro. Tinha nos túmulos a sua morada, e ninguém conseguia prendê-lo, nem mesmo com uma corrente, pois já fora preso várias vezes com grilhões e correntes, e quebrara as correntes e despedaçara os grilhões; ninguém era capaz de o dominar. Andava sempre, dia e noite, entre os túmulos e pelos montes a gritar, ferindo-se com pedras. Avistando Jesus ao longe, correu, prostrou-se diante d'Ele e disse em alta voz: «Que tens a ver comigo, ó Jesus, Filho de Deus Altíssimo? Conjuro-Te, por Deus, que não me atormentes». Efectivamente, Jesus estava a dizer-lhe: «Sai desse homem, espírito impuro!» Perguntou-lhe em seguida: «Qual é o teu nome?» Respondeu: «Legião é o meu nome, porque somos muitos». E suplicavam-Lhe insistentemente que os não expulsasse daquela região. Ora, ali próximo do monte, andava a pastar uma grande vara de porcos. E os espíritos impuros suplicaram a Jesus: «Manda-nos para os porcos e entraremos neles». Jesus consentiu. Então, os espíritos impuros saíram e entraram nos porcos, e a vara, cerca de uns dois mil, lançou-se ao mar e ali se afogou. Os guardas fugiram, e levaram a notícia á cidade e aos campos. Muitos foram ver o que se tinha passado (Mc 5,1-14).

¹Não devemos esquecer que a própria associação Demónio/Serpente que hoje somos tentados a fazer perante o célebre episódio *A Queda Original* (Gn 3,1-24), não existia na mente dos redactores do Antigo Testamento. Esse significado só viria a ser sugerido muito depois, em algumas passagens do Novo Testamento, nas quais se concebe a serpente tentadora como uma personificação do próprio Satanás (veja-se, a título de exemplo, Ap 12,9).

Enquanto texto profético, o Novo Testamento exprime também alguns pormenores particularmente interessantes, e sobre os quais poderemos incidir para uma mais completa abordagem à presença do Demónio nos Evangelhos.

Assim, se no Antigo Testamento as visões proféticas que incluem figuras demoníacas são praticamente nulas (ainda que raramente, alude-se, por vezes, à vinda de um Messias que destronará todos os demónios e todo o pecado), já no Novo Testamento a profecia bíblica é bastante mais explícita no que respeita a esta matéria.

No Livro do Apocalipse, por exemplo, o evangelista João relata, de forma enigmática, acontecimentos concernentes ao fim do Mundo, predizendo a vinda da Besta (ou Anticristo), ser demoníaco, que, no fim dos tempos, tentará destruir a obra de Deus, acabando por ser derrotado durante o Armagedão².

Esta figura é descrita no Apocalipse como um monstro de sete cabeças e feições animais, enviado pelo Demónio para combater a Glória Divina e corromper os homens.

Vi, então, subir do mar, uma Besta com sete cabeças e dez chifres; sobre os chifres, dez diademas, e, nas cabeças, nomes blasfematórios. A Besta que vi era semelhante a um leopardo, as patas como as do urso, e as faces como as do leão. O Dragão transmitiu-lhe o seu poder, o seu trono e uma grande autoridade (*Ap 13,1-2*).

Os textos do Apocalipse predizem ainda, de forma muito clara, a derrota de Satanás e dos Anjos Rebeldes.

Em seguida vi descer do Céu um anjo que tinha na mão a chave do Abismo e uma grande cadeia. Subjugou o Dragão, a serpente antiga, que é o Demónio, Satanás, acorrentou-o por mil anos. Lançou-o no Abismo, que fechou e selou, a fim de que não seduzisse mais as nações até que se completassem mil anos. Depois do que Satanás deve ser solto por um pouco de tempo (*Ap 20,1-3*).

A leitura desta passagem pode intrigar-nos, uma vez que sugere o aprisionamento de Satanás, mas também a sua libertação vindoura. No entanto, o próprio Livro do Apocalipse e outros episódios do Novo Testamento encarregam-se de justificar este raciocínio. Deste modo, após mil anos encarcerado, Satanás será solto para que tente seduzir novamente todas as nações do Mundo e amotiná-las contra Deus. Aí, no preciso momento em que se ache certo da vitória, o Demónio será definitivamente derrotado e lançado aos Infernos, onde deverá permanecer por toda a eternidade³.

Também, na 1.^a Carta aos Coríntios, por exemplo, São Paulo afirma claramente que, se a ressurreição de Cristo e o Armagedão confirmam a derrota de Satanás, o combate só virá a completar-se no fim dos tempos, quando Jesus Cristo, tendo reduzido à impotência todo o Mal, entregará o Reino ao Criador, de forma a que o espírito divino tome conta de todos os homens para que Deus seja tudo em todos⁴.

²Os conceitos *Armagedão* e *Juízo Final* são vulgarmente confundidos, mas os teólogos atribuem-lhes significações bem distintas. Assim, o Armagedão será a Grande Batalha travada no fim dos tempos entre Deus e os demónios, e da qual estes últimos sairão perdedores. O termo *Juízo Final* designa o julgamento solene, que, segundo o Livro do Apocalipse, Deus fará, também no fim dos tempos, sobre a sorte de todos os humanos.

³*Ap 20,7-10*.

⁴*1 Cor 15,24-28*.

Assim, o Homem — e é esse o aspecto trágico do seu destino — deverá escolher entre Deus e Satanás, entre o Bem e o Mal, pois, no último dia, ficará para sempre com um dos dois.

Tal como o Catolicismo, o Islão apresenta uma riqueza imensa no que respeita a representações de seres demoníacos.

Além da devoção a um Deus Único (Alá), o Islamismo assenta na crença em quatro anjos — Gabriel, Miguel, Azrael e Izrafel — que lutam contra demónios inimigos da Humanidade (os *djinn*). Os muçulmanos concebem os *djinn* como uma espécie de espíritos malignos descendentes do fogo, que são comandados por Iblis⁵, o Rei dos Demónios. A crença islâmica representa-os como monstros horrendos com cabeça de hiena e patas de lobo. Acredita-se que podem tornar-se invisíveis, mas que é possível identificá-los com facilidade pelo fortíssimo aroma de canela que deixam nos ares aquando da sua passagem. O folclore popular acredita que alguns *djinn* terão sido aprisionados em garrafas de latão, de onde eram intimados a realizar os desejos dos seus captores.

Já o Judaísmo nega completamente a existência de demónios, maiores ou menores, tal como os concebe a tradição cristã. Os judeus recusam a existência de um Diabo corporificado — a tentação e o pecado, são ambos enviados por Deus para testar a fé dos homens. Na visão judaica, o Bem e o Mal procedem meramente de impulsos humanos, e não da intervenção de entidades sobrenaturais.

O maior contraste em relação à Igreja Católica reside precisamente no facto de que os judeus sempre se preocuparam mais com o mundo real do que com o transcendente, e, ao longo da História, sempre concentraram os seus esforços morais na criação de uma sociedade ideal para se viver, e nunca na idealização de universos *post-mortem* de qualquer natureza.

Centremo-nos, por fim, na tradição religiosa oriental (Budismo, Hinduísmo, e outras...). Aqui, deparamo-nos, uma vez mais, com uma rejeição quase completa do conceito de *Demónio* acolhido pelo Cristianismo⁶. No entanto, são inegáveis as referências comuns a seres diabólicos em lendas e historietas populares, bem como a sua figuração nas mais variadas expressões artísticas.

Acontece que, na cultura oriental, as representações iconográficas e alusões mitológicas a tais entidades, são apenas metafóricas (as figuras demoníacas personificam apenas tendências, atitudes ou formas de estar negativas perante o Mundo).

Existe aqui uma oposição extrema em relação à teologia cristã, que admite (ainda que essa tendência esteja a diminuir) não só a existência de um Diabo materializado e tido como origem sobrenatural de todos os males, como também a de demónios inferiores igualmente corporalizados, ambos com o poder de intervir directamente no universo humano.

Apesar de rejeitadas pela Teologia contemporânea, também a Angelologia e a Demonologia nos oferecem, enquanto matéria de reflexão, uma interessante perspectiva acerca da figura do Demónio Cristão.

Estas doutrinas, independentes uma da outra, ocorrem ao nível da exegese bíblica, e definem-se basicamente como o estudo aprofundado dos Anjos enquanto entidades

⁵ *Iblis* é o equivalente do Demónio Cristão, e, como este, é igualmente representado como um ser individual e corporificado.

⁶ Para a crença oriental, o Mal é resultado da inquietude da mente perante o *eu* e o *outro* (Sogyal Rinpoche, *O Livro Tibetano da Vida e da Morte*, Círculo de Leitores, 1995, pp. 19-32).

sobrenaturais que servem à Providência de Deus, e dos demónios enquanto essências contrárias à Glória Divina, respectivamente. Definem como principais objectos de estudo o texto bíblico, tido como fonte inesgotável de conhecimento e sabedoria, e tratados teológicos vários.

A Angelologia e a Demonologia são unânimes no entendimento de que Deus terá gerado os Anjos imediatamente após ter criado os Céus, e antes de ter criado a Terra. Os Anjos são concebidos como seres espirituais (incorpóreos) extremamente poderosos, mas incapazes de se reproduzir conforme a sua espécie. São entes dotados de uma glória e dignidade sobre-humanas, e, como tal, não se encontram sujeitos à dissolução, isto é, dispõem do dom da imortalidade. Os Anjos são caracterizados como seres pessoais, dotados de inteligência, emoções e vontade, mas que não possuem, de forma alguma, carácter de omnipresença, onnipotência ou omnisciência.

Reflectir acerca das origens do Mal é um dos principais sustentáculos do pensamento angelológico e demonológico — é aceite que os Anjos foram criados por Deus em estado de perfeição; no entanto, alguns terão caído em pecado, sendo tentados a abandonar a sua condição original.

Como revelam as Escrituras, Satanás, o mais belo e poderoso dos Anjos, dominado pela ambição desmedida e pela concupiscência de se tornar superior a Deus, terá instigado os seus semelhantes a revoltarem-se contra o Poder Divino. Desta amotinação, resultaria uma batalha no Céu, que só viria a terminar quando Satanás e os Anjos Revoltos foram atirados ao Abismo e aprisionados na escuridão e no fogo ardente.

Assim, os Anjos Rebeldes, que ousaram ambicionar o trono de Cristo e a Glória de Deus, acabariam por perder a sua santidade original, mas não os seus poderes sobrenaturais, que lhes permitiam chegar até junto dos seres humanos e interferir nas suas vidas. Deus terá permitido esta intrusão, por encará-la como uma forma de testar a fé dos homens.

Segundo os Evangelhos, só no fim dos tempos Satanás e os Anjos Caídos serão definitivamente desprovidos de todos os seus poderes sobrenaturais, e arremessados de vez para o suplício eterno dos Infernos...

O texto bíblico é expressamente claro ao afirmar que Satanás e os seus seguidores terão mergulhado na ambição e na soberba. Mas, como poderão os Anjos cair em pecado, uma vez criados na magnificência de Deus?! Estas doutrinas admitem que alguns desses seres terão sido dominados pelo pecado exactamente por causa da sua perfeição, perfeição esta que lhes conferia liberdade de escolha — Deus não coagiu nenhuma das suas criaturas, nem mesmo os Anjos.

Apesar de tudo, existe uma diferença fundamental que distingue Angelologia e Demonologia: enquanto a primeira se mostra totalmente incapaz de reflectir acerca de uma possível hipótese de salvação para Satanás e para os seus seguidores, a segunda encara a derrota dos Anjos Caídos como uma evidência prevista em várias passagens dos Evangelhos, algumas delas bem explícitas⁷, a Demonologia verifica ainda que a profecia bíblica refere o Juízo Final como o momento em que serão julgados todos os seres humanos — os vivos e os mortos —, não fazendo qualquer referência à existência de um julgamento para Satanás ou para os Anjos Rebeldes, o que pressupõe, pois, a Condenação como uma certeza dogmática.

⁷Em Jo 16,11, é o próprio Cristo quem afirma: ... *o príncipe deste mundo está condenado...*

Como se pôde verificar, a ameaça de um Demónio enquanto Inimigo Supremo de toda a Humanidade, não é de forma alguma comum a todas as crenças e religiões. O que parece sobressair desta breve análise é sim a observação do modo como as mais diversas sociedades e culturas parecem utilizar diferentes fórmulas para atingir objetivos idênticos: preparar o Homem para a fugacidade da vida, para a evidência da morte, e, acima de tudo, sugerir-lhe uma profunda reflexão acerca da sua própria natureza...